



Director literario:

Arquibaldo
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Marcolli
 PAPUSSE

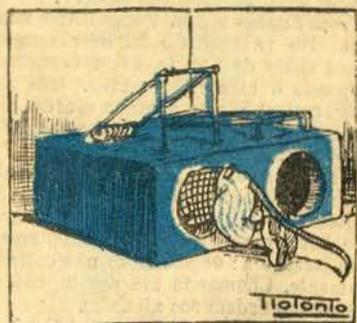
Ratão Cabulão



Seu grande cábula!... — (Ralha Mamã Rata ao seu meúdo) —
 O menino não trabalha;
 Seu patife, seu canalha,
 Nunca mais falte ao estudo!

Ratãozinho de mãos postas,
 Promete que há-de emendar-se;
 Mas assim que volta costas,
 Sem mais nenhuma's respostas,
 Resolve logo safar-se.

E em vez de ir para o colégio
 Vai para a casa da copa
 Onde um belo pudim régio,
 Sem patente ou privilégio,
 Na prateleira se topa.



E além do régio pudim
 Um copinho de geleia
 Brilhante como o setim,
 Digna de um príncipe, emfim
 Como nem se faz ideia!

Mas rico cheiro a toucinho
 Vem de trás dum cortinado.
 «Oh! que adorável cheirinho!
 Mas que belo petisquinho!»
 Clama ratão encantado!

Nisto cai na ratoeira,
 Como um leão numa jaula;
 Castigo da maroteira!
 Por andar na brincadeira
 Em lugar de ir para a aula.



A CASA-MALDITA

OU O FARRUSCO o limpa chaminés

: NOVELA INFANTIL:

: Por MARIA ROSA RÉSÉDÁ:

: Desenhos de EDUARDO MALTA:

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Passem por cá muito bem!... Ora quem havia de dizer!... E «Farrusco» indignado voltou as costas ao Rei e deu alguns passos em direcção à porta.

— Anda cá «Farrusco». Olha que isto tudo era brincadeira, rapaz, foi para te experimentar!... gritou o monarca, satisfeitiíssimo por ver que o limpa-chaminés tinha tão bons sentimentos.

«Farrusco» voltou um pouco hesitante, olhando de revez para o Rei, com certa desconfiança.

— Então foi para «reinar» que vocemecê me disse isso, senhor Rei? cuidei que fôsse a sério e por via dessas palavras senti um baque no coração porque sou amigo de vocemecê e tinha pena que o senhor Rei desprezasse assim os pobres. Desde o momento que a minha boa velhinha venha para junto de mim, então aceito o que vocemecê me ofereceu. Bem haja, pois, senhor Rei!...

— Com certeza rapaz. Podes trazer também todos da tua família. No palácio não faltam alojamentos nem comida. Estamos então de acôrdo, não é verdade? A partir de hoje ficas sendo o meu filho mas... tens de usar outro nome pois «Farrusco» é uma alcunha e, além disso não é digno de um príncipe. Qual é o teu nome verdadeiro?

— Miguel Salvador.

Esse é bonito. Usarás também Reinaldo, que é o meu. «Farrusco» desapareceu, hoje só existe Sua Alteza o Príncipe Reinaldo Miguel Salvador. Vou dar ordem aos alfaiates da côrte para que façam imediatamente um fato digno da tua jerarquia: os príncipes não costumam vestir tão humildemente. Chamando um pagem, ordenou-lhe que transmitisse a sua ordem aos alfaiates.

— Ah! Ah! Ah! gargalhou o bôbo ironicamente, dando três formidáveis carebalhotas. Um limpa-chaminés tornado num príncipe nunca vi!... Faço ideia que hás-de ficar lindo, com essa cara de fuinha!... Sumete já da minha vista, grande intrujão. Com certeza não estás hoje bom de cabeça, Rei!... Um limpa-chaminés tornado num príncipe!...

Ah! Ah! Ah!...

O olhar de «Farrusco» relampejou de cólera. Era demais

tanta insolência. Chamar-lhe intrujão... a êle... Esqueceu-se por completo do lugar onde estava. Com os punhos cerrados, correu para o bôbo e com uma saraijada de sôcos e pontapés, virou-o de pernas ao ar. O pobre bôbo ergueu-se maguado e acercando-se do monarca que sorria, disse dolorido:

— Manda-o prender, Rei!... Não vês que êle ousou levantar a mão para o teu bôbo?

— Quem devia ser castigado eras tu, respondeu o monarca com severidade. És às vezes tão malcriado e insolente que ninguém têm paciência para te aturar. Quero que respeites o meu filho que é também o teu senhor. Vai imediatamente pedir perdão a Sua Alteza o Príncipe Reinaldo Miguel Salvador.

— «Manda quem pôde, obedece quem deve» cantarolou o bôbo, fazendo três piruetas, pois nêle as tristezas não duravam um minuto. Curvou-se humildemente diante de «Farrusco» e olhando-o, com malícia, fingiu murmurar umas palavras de perdão. O pequeno limpa-chaminés deitou-lhe um olhar de desprezo e disse para o Rei:

— Gostava de saber se consente numa coisa que lhe vou pedir...

— Dize lá.

— Era isto. Enquanto êste fato me servir, vocemecê há-de dar-me licença que eu o vista todos os mezes, num dia escolhido por mim, para limpar as chaminés do palácio, ajudado, já se sabe, por um dos meus camaradas limpa-chaminés. Sabe?... tomei amor ao ofício e custa-me deixá-lo assim de pé para a mão...

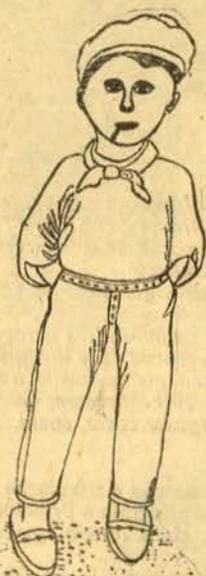
Nêsse dia o senhor Rei deixa-me fazer tudo quanto eu quizer. Voltarei a ser «Farrusco», o limpa-chaminés. Deixa?

— Pois sim, meu filho, respondeu o monarca deveras intrigado com a idéa de «Farrusco».

Os ministros, os conselheiros e mais dignatários da côrte, entreolharam-se inquietos. Porque razão quereria o limpa-chaminés ter plena liberdade no tal dia?

(Conclue no próximo número)

COLABORAÇÃO
INFANTIL



FRAGATEIRO

Alcides Acácio Marques 11 anos de idade

Publicado em 22 de junho de 1922

A Idade-Bébé

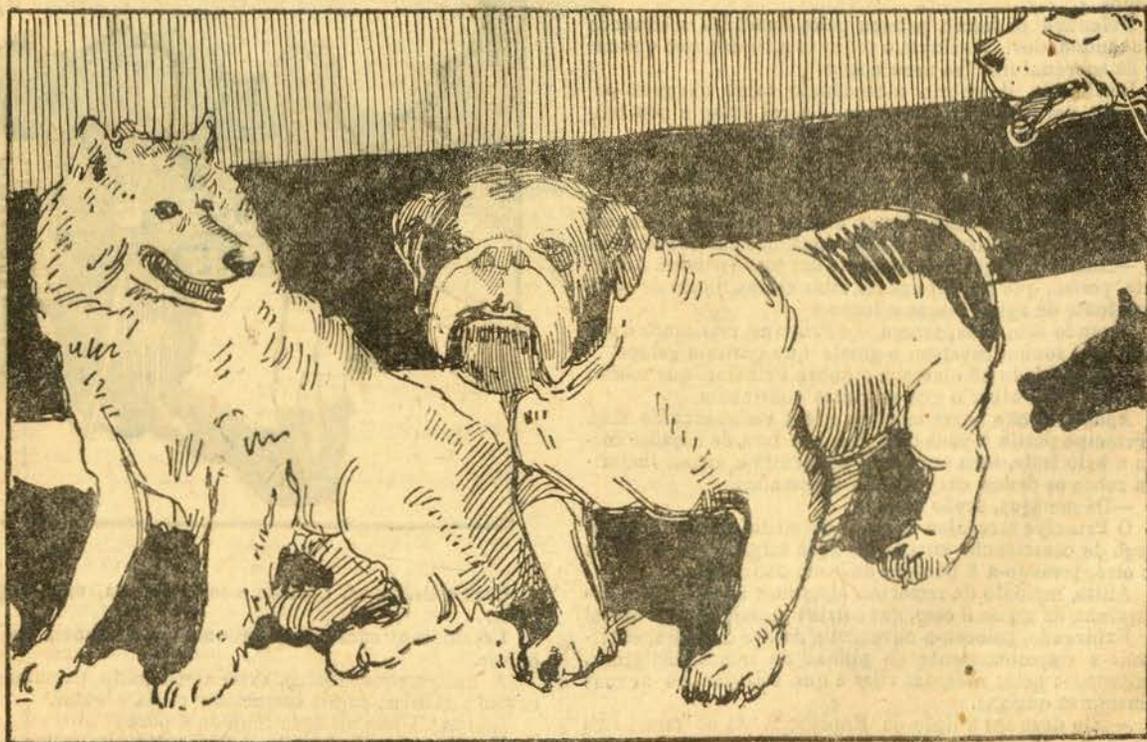
Por GRACIETTE BRANCO

—; Que lindos são os serões,
que o inverno traz consigo!
Entre histórias de papões,
e fantasmas ao postigo!..

Em cada lar, recostada,
uma avòzinha, que fez
cem anos p'la consoada,
e que diz: — Era uma vez..

E os netinhos e netinhas,
a preguntarem: — Depois?..
E a chorarem, se as vaquinhas
morreram, ficando os bois!..

—; Eu já não tenho avòzinha,
que me embale em contos seus!
Minha Infância é andorinha
que voou p'ra longes Céus!



Meus meninos: Vejam se conseguem descobrir os donos destes cãesinhos de raça.

AS TRÊS CIDRAS

:: Por MARIA BRANCO ::

Desenhos de Eduardo Malta

ESTE conto é já muito velhinho. Ignoro a sua origem e já-mais o vi transcrito sobre os livros de histórias. Teria nascido nas Betras por serões de inverno, emquanto a lenha crepita nas lareiras? Ou por alguma suave tarde algarvia? Quem mo dirá? Simplesmente sei que ele embalou três gerações sucessivas de minha família e recorro com saudade quando minha boa mãe o contava poeticamente a seus filhos, conseguindo assim que eles estivessem quietinhos, a seu lado, emquanto ela diligente cosia, cosia.



Príncipe chegara à maioridade.

Era preciso correr terras em busca de aventuras, demonstrar ao reino, sua coragem e valentia.

O Rei olhara-o enlevado: desempenado e forte desconhecia o medo e seus olhos verdes, tranqüilos como lagos adormecidos, acendiam-se vivazes, mal deparava com injustiças ou cobardias.

Partiu sozinho, sem aios

nem pagens.

Percorreu terras longínquas de povos selvagens e civilizados.

Defendeu os fracos, pelejou pelos humildes, socorrendo os abandonados... todavia o prazo ia a findar, sem que nada de sobrenatural lhe acontecesse.

Desiludido, descobriu alcandorado sobre abruptos penhascos, um templo abandonado. Lá em baixo o mar bramava furiosamente e o Príncipe scismava melancólico.

Súbito, apareceu uma velhinha que lhe ofereceu um cabaz de prata, contendo três grandes e maravilhosas cidras.

Apesar de curvada, essa senhora era ainda rosada e fresca, e em seus olhos azues claros, brilhava a límpida candura, que possuem as pupilas ingénuas dos pequeninos.

—Anima-te. Aqui tens o prémio das tuas virtudes. Advirto-te, porém, que somente abras estas cidras, junto de qualquer fonte de águas claras e frescas.

Dizendo isto, desapareceu, e o Príncipe, realizando o seu mais belo sonho, cavalgou o ginete que partiu a galope.

A curiosidade não largava o pobre Príncipe, que morria e estalava por saber o que as cidras continham.

Apesar de não haver mais do que a visinhança do mar, o Príncipe partiu a primeira. Mal sua faca de caçador cortou o belo fruto, uma senhorita pequenita e airosa lhe saltou sobre os dedos, exclamando apressada:

—Dá-me água, senão morro!

O Príncipe arregalou os olhos desmedidamente. Por descargo de consciência, encheu de água salgada sua escudela de ouro, levando-a à boquilha da linda donzelinha.

Aflito, mordido de remorsos, assistiu à agonia dessa bonequinha de carne e osso, que sofria e morria por sua causa!

Expirando, colocou-a novamente dentro da cidra, enterrendo-a respeitadamente no pinhal de ramos esgalgados, vergastados pelas nortadas rijas e que soltavam ao ar suas lamentosas queixas.

—Isto deve ser a lição da Prudência. Ai de mim! Mas ela só nos visita quando os cabelos desbotam e o coração sereno! —monologava o triste Príncipe.

Pôs-se de novo em marcha e a tentação voltou imperiosamente. Resistia-lhe a princípio o Príncipe, mas, arditosamente, insidiosamente, ela ia roendo, quebrando a boa vontade do filho do Rei.

Avistando ao longe uma estalagem, dirigiu-se para ela.



Ceou e deitou-se. Todavia o sono tardava, não chegava mais...

Levantou-se enervado, abeirando-se da janela do seu quarto.

A dois metros abaixo, existia um pátio, possuindo ao centro a cisterna com a competente corda e balde.

Emfim! Tinha ali água límpida e pura!

Escolheu a segunda cidra e dum salto alcançou o pátio. Na precipitação esquecera a faca de mato,



Passa bem, regala a vida,
Triste pombinha, por aqui perdida.

—Arma-lhe um laço de fita, respondeu-lhe indiferente o
belo Príncipe:

Nessa tarde, menos distraído escutou a nova do hortelão.

— Saiba vossa Alteza que a pombinha exclamou, deparando o laço de fita:

«Pinta aqui, pinta ali...
Laço de fita,
Não é para mim.»

—«Armar-se-há um laço de prata» ordenou o Infante.
Mas a pomba voltou, e disse:

«Pinta aqui, pinta ali...
Laço de prata
Não é para mim»

Já um tanto intrigado, ajudou na manhã seguinte o hortelão a colocar no canteiro dos cheiros, uma armadilha de oiro. Espreitou.

▲ pombinha poisou sobre o laço, e cantou, com a alma, as seguintes palavras:

(C o n t i n ú a n a p á g i n a 8)

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

Ainda se encontra à venda o VIII volume
Bébés de Bibe e Babette

Por GRACIETTE BRANCO
Desenhos de EDUARDO MALTA

PRÓXIMO VOLUME

OS PALHAÇOS NOVELA INFANTIL

POR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

HORA DO RECREIO

UMA BÊSTA

Meus amiguinhos:

Então como tem passado durante a minha ausência? Todos bem, creio eu.

Início novamente no «Pim Pam Pum» a secção de «engenhocas» que tanto interesse despertaram nos números passados.

Tudo a postos!

A ferramenta é das mais reduzidas pois o que é preciso principalmente é um pouco de habilidade e essa, não há nenhum dos meus sobrinhos que a não tenha.

Uma bêsta; o que é uma bêsta?

E' a arma de guerra que estais vendo na gravura e que, sendo bem feita, até pode apanhar pardais.

Mas isso não se faz que é maldade...

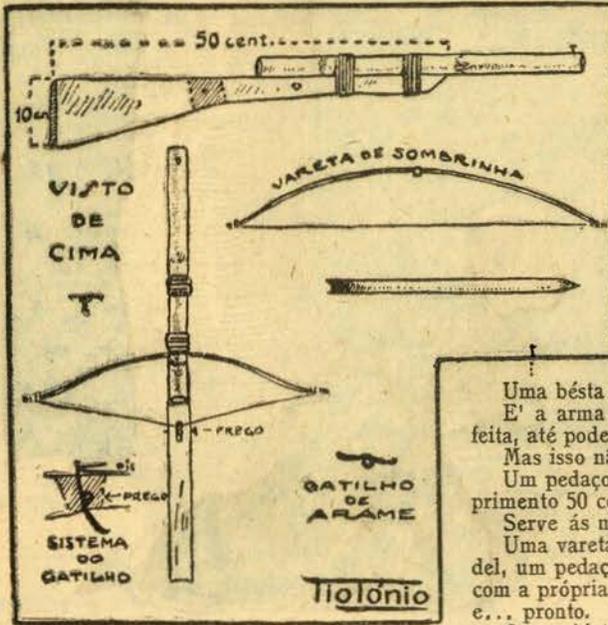
Um pedaço de madeira com o feitio que a gravura indica tendo de comprimento 50 centímetros pouco mais ou menos.

Serve às mil maravilhas um tronco de palmeira?

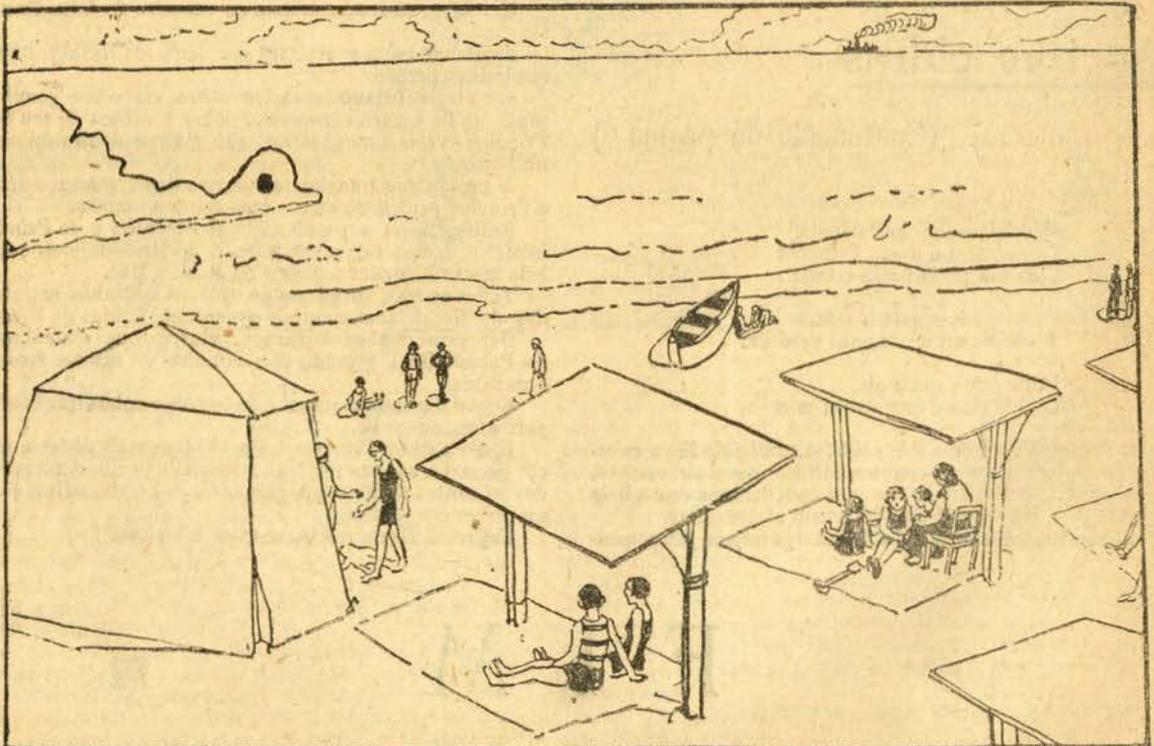
Uma vareta de chapéu de chuva, cujas pontas se prendem com um cordel, um pedaço de cana completamente perfurado (o que até se pode fazer com a própria vareta) arame torcido para fazer o gatilho, um prego, cordel e... pronto.

Os projecteis podem ser tirinhas de madeira e depois, muito cuidado com os olhos dos manos... A seguir, outras interessantes engenhocas, não só para os pequeninos, como para as meninas e manos mais velhinhos. Para quaisquer informações, conselhos ou pedidos, está sempre às vossas ordens o

TIOTÓNIO — Rua do Se.ulo 43 — LISBOA



PARA OS MENINOS COLORIREM





As três cidras

(Continuado da página 6)

«Hortelãzinha, hortelãnota
Como passa o nosso Príncipe
Com sua preta negra e torta?»

Passa bem, regala a vida,
Triste de mim por aqui perdida.

Pinta aqui, pinta ali...
Laço d'ouro é que é para mim»

O Príncipe agarrou-a comovido. Acaziando-lhe a cabe-
cita irrequieta, deparou com um alfinete que a atravessava.
Arrancou-lho delicadamente e logo após deparou com a bela
Infanta de olhos-de-mel que lhe sorria alegremente.

E, a sorrir, contou-lhe tudo. O Príncipe forjava já em men-

te, terríveis castigos a aplicar à preta má, quando a Prince-
sa lhe segredou:

—Eu é que a punirei.»

Segurava a princesa em suas belas mãos um gomil de
prata, e uma cestinha de ouro.

E, felizes, correram os dois ao encontro da falsa Prince-
sa.

Avistando-os, a preta caiu por terra, de joelhos, implo-
rando-lhes perdão.

E a alegre Infanta, esvaiou sobre ela o seu gomil de
prata, indo a correr, espremer sobre a cabeça do seu belo
Príncipe certas amoras loiras, que vinham dentro da cesti-
nha dourada.

A preta ficou transformada numa donzelinha morena, e
o Príncipe perdeu de vez os seus cabelos brancos.

Realisaram-se a seguir dois casamentos, o do Príncipe
herdeiro com a Infanta sorridente, de olhos-de-mel, e a da
bela moreninha com o pagem da Rainha-Mãe.

Todos os anos chegavam ao palácio cestinhas entreteci-
das de flores, com meninos e meninas, vindos de França.

Dez princesinhos folgavam pelos parques assombrados
do Palácio Real, jogando com bolinhas de rubis e arcs de
esmeralda.

Repartiam estas riquezas com os pobresinhos, que sorriam
para eles com amor.

E, dia a dia, a Princesa tinha os olhos mais doces e mais
côr de mel e as suas risadinhas cristalinas vibravam por to-
dos os cantos do Reino, deparando à sua roda, outros sorris-
os sinceros e sentidos.

Foguetes! Morteiros! Acabou-se a história!!!

F I M